

# NOMEAÇÃO DA BOTÂNICA MATO-GROSSENSE: UMA LEITURA ETNOTERMINOLÓGICA DA FUNÇÃO ADJETIVA

*Marieta Prata de Lima Dias*

Universidade Federal de Mato Grosso / Campus de Sinop  
marietaprataldias@gmail.com

**RESUMO:** Este estudo objetiva analisar os nomes comuns e populares de árvores nativas da *Região de Planejamento XII – Polo Sinop*. Trata-se, pois de uma pesquisa interdisciplinar entre Botânica / Etnobotânica, Linguística / Terminologia / Etnoterminologia e Terminologia Sociocognitiva. Pela observação do sintagma adjetivo, buscou-se saber quais são as categorias de características prioritárias que a mente coletiva do denominador não botânico aplicou no ato de denominar. Percebemos que ele se guia pela medida do visual, do colorido diversificado; em seguida, pelo local, pelo mapa político; baseia-se na experiência física (visão/imagem) e na sociocultura (local – mata, campo, estado etc.). E, algo interessante: muitas vezes sua visão empírica coincide com o discurso do cientista.

**PALAVRAS-CHAVE:** Botânica. Etnobotânica. Terminologia. Etnoterminologia. Terminologia Sociocognitiva.

**ABSTRACT:** This study aims to analyze the common and popular names of trees native of the Planning Region XII - Polo Sinop. It is therefore an interdisciplinary research between Botany / Ethnobotany, Linguistics / Terminology / Etnoterminology and sociocognitive Terminology. By observing the adjective phrase, we sought to know what are the priority categories of characteristics that the collective mind of the not botanist denominator has applied in the act of naming. We realize that he is guided by the measurement of visual, colorful diversified, then the place, the political map, based on physical experience (vision / image) and socio-culture (local - forest, field, States etc.). And something interesting: many times its empirical view coincides with the discourse of the scientist.

**KEYWORDS:** Botany. Ethnobotany. Terminology. Etnoterminology. Sociocognitive terminology.

## Introdução

Este texto faz parte de um estudo terminológico, cujo objeto foram as árvores e arbustos nativos da *Região de Planejamento XII – Polo Sinop*, do Zoneamento Socioeconômico Ecológico de Mato Grosso ainda em tramitação. Sinop e região incluem-se na unidade territorial denominada *Diversificação da fronteira agroflorestal e pecuária* do Macrozoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Legal – MacroZEE da Amazônia Legal –, aprovado pelo Decreto nº 7.378, de 1º de dezembro de 2010<sup>1</sup>. Estamos, pois, falando da flora mato-grossense e da flora amazônica.

A Comissão Especial (Assembleia Legislativa, Cuiabá, 2009, pág. 14), assim explica o que é zoneamento:

O Zoneamento compreende um instrumento técnico-político de grande importância para o Planejamento Estratégico, com objetivo de promover o desenvolvimento sustentado de unidades territoriais, tendo como base um diagnóstico integrado dessas unidades, com informações suficientes para definir diretrizes adequadas de uso e ocupação. Dentre os diplomas legais que tratam a temática zoneamento destacam-se os Decretos Federais nº 4.297/2002 e 6.280/2007, que regulamentam o Zoneamento Ecológico-Econômico como instrumento de Política Nacional do Meio Ambiente.

O norte de Mato Grosso tem a lida de produtos com a madeira como uma das atividades econômicas peculiares. A preocupação com o ecossistema, entre eles o corte de madeiras na Amazônia, tem feito a região e, portanto, seus trabalhadores, serem vistos como antagonistas no processo de sustentabilidade planetária. Sabemos o quão útil é o produto madeira, seja para as construções, para a queima e para a secagem de produtos, tal como a soja – outro ramo de atividade em que Mato Grosso se sobressai –, dentre outras tantas utilidades

---

<sup>1</sup> Anexo 3 deste relatório e disponível em <<http://www.planalto.gov.br/ccivil-03/-Ato2007-2010/2010/Decreto/D7378.htm>>.

para o homem, que vão de compensados, madeiramento de telhado, mobiliário ao cabo de vassoura. Necessário se torna buscar sempre mais a harmonização entre natureza e homem.

Às plantas, nos estudos científicos, a Botânica dá nomes científicos em uma nomenclatura binominal; no campo, o homem não botânico dá nomes comuns e populares - considero aqueles os nomes da árvore mais usuais na região mato-grossense da pesquisa e estes os vários nomes também aplicados para a mesma espécie arbórea, não somente nessa região, mas também em nível de Brasil.

A coleta e rastreamento dos dados seguiu a metodologia sugerida pela Terminologia e Terminografia. Foram listadas cento e oitenta e cinco árvores/arbustos nativos da região alvo da pesquisa. Deste número, preencheram-se setenta fichas terminológicas, cujos nomes com sintagma adjetivo constituem o *corpus* desta pesquisa. Dentre os campos da ficha mais diretamente relacionadas à análise feita neste texto, constam *nome comum*, *nomes populares* e *nome científico*. Esses nomes foram coletados em pesquisas científicas sobre a flora regional, estudos de campo de pesquisadores da UFMT/Campus de Sinop, listagem obtida em empresa de Consultoria Florestal e de coletores de sementes da ONG Instituto Centro de Vida e, posteriormente, confrontados com o discurso da bibliografia específica. Esta pesquisa contou também com informantes especializados - biólogos, engenheiros florestais (ligados à UFMT, ao IBAMA local - Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - e às mencionadas ONG e empresa), especialista do INDEA (Instituto de Defesa Agropecuária do Estado de Mato Grosso) e com riquíssimo apoio bibliográfico e consulta a sites especializados.

Quanto à forma gráfica dos termos, optamos por adequá-la ao Novo Acordo Ortográfico tão somente quanto ao emprego do hífen, da acentuação e letra *y* e *th* (este último foi bastante encontrado em Pio Corrêa, 1931/1984). Também vale lembrar com Perini (2006, p. 70), que “o objetivo do lingüista é descrever a maneira como as pessoas realmente usam a língua, sem fazer julgamentos do que seja

‘certo’ ou ‘errado’ ”; dessa forma, todas as considerações devem ser vistas como constatações destituídas de posturas prescritivas.

## **1. Conhecendo as ciências envolvidas**

Por ser este um estudo interdisciplinar – entre Linguística e Botânica, necessário se torna conhecer um pouco de ambos os campos de saber.

A Botânica é uma das Ciências Biológicas que se ocupa dos vegetais, desde o minúsculo musgo à peroba encontrada nas florestas. “A domesticação de plantas marca o início da agricultura, assim como a domesticação dos animais marca o início da pecuária. Juntas, agricultura e pecuária (agropecuária), foram as grandes promotoras da civilização, pois permitiram ao homem ter o controle sobre sua fonte de alimento.” (Filgueiras, 2008, p. 21). O homem grego enfocava a Botânica sob o aspecto filosófico – como ramo da Filosofia e, portanto, com abstrações mais produzidas pela mente humana do que advindas da própria natureza – e sobre o aspecto utilitário – seja como parte da Medicina seja como agricultura. O Império Romano conservou o legado grego e, em parte, o uso místico de certas plantas da Antiguidade. Na Idade Média, a utilidade medicinal foi a mais realçada. No Renascimento, um professor iniciou o processo de conservação das plantas por meio de prensa com a finalidade de estudo, contudo foi o sueco Carlos Lineu (1707-1778) que elaborou o primeiro sistema global de classificação botânica.

Quanto à Linguística, o suíço Ferdinand Saussure (1857-1913) é considerado o iniciador da visão moderna. Às dicotomias saussurianas (duas faces do signo: conceito (significado/representação mental) e imagem acústica (significante/apresentação física do signo), abordagem interna/externa e abordagem sincrônica/diacrônica dos fatos da língua), o discípulo francês Antoine Meillet (1866-1936) insiste na importância do acréscimo do caráter social da língua e relaciona as variações linguísticas (abordagem interna) às condições externas e sincronia à diacronia. Ao significante/significado, o dinamarquês Louis Hjelmslev (1899-1965) adiciona a significação,

assegurando ser nascida do contexto; por sua vez, ao contexto hjelmsleviano são acrescentados outros fatores (como relações extralinguísticas, espaço/tempo e sintonia entre os interlocutores) pelo francês Roland Barthes (1915-1980). (SILVA, Antônio Carlos da, 2011)

O tunisiano-francês Pierre Guiraud (1912-1983) também discute a relação da significação dos signos linguísticos com o que se passa na mente dos interlocutores ao se comunicarem e o que se passa entre o signo e a realidade/situação significada. Com enfoque no nível da palavra, na relação entre conceito e significante, este semanticista afirma que, de criação individual, motivada, consciente e descontínua, a palavra passa por disseminação coletiva, inconsciente e progressiva, com ocorrência de “obscurecimento da motivação”. Acrescenta também que “todas as palavras são etimologicamente motivadas (...); ainda que teoricamente nada se oponha à criação puramente arbitrária de palavras, de fato isso não existe” (1972, p. 31-32), contudo a motivação etimológica é dispensável na transmissão do sentido de base<sup>2</sup>. Ao refletir sobre a polissemia, Guiraud encontra quatro tipos de associações em cada palavra: sentido de base, contextual, sociocontextual e valor expressivo; os tropos descritos desde a Antiguidade correspondem ao que esse autor denomina “valor expressivo”. As três associações – contextual, sociocontextual e valor expressivo – podem especificar, matizar, abafar ou substituir o sentido de base. A mudança de sentido ocorre na estrutura das associações psíquicas, no sentido de base, porque o nome é dado a um conceito para fins cognitivos ou expressivos e, nas outras associações, por serem secundárias e haver uma “deslizamento” no valor da palavra no *interior* da própria língua. (Guiraud, 1972)

Ainda conforme Guiraud, o *ato de nomear* é denominado *nominação cognitiva* quando a coisa ainda não tem nome ou tem mas não lhe condiz adequadamente e *nomeação expressiva* quando o

---

<sup>2</sup> Este “obscurecimento da motivação etimológica” foi chamado de “esquecimento” por Darmesteter e de “conservantismo linguístico” por Ulmann (cf. Guiraud, 1972, p. 52).

nome é dado “para designar a coisa sob um certo aspecto”, ou para assegurar a economia ou clareza das palavras. Na primeira, a nomeação atualiza características do ser denominado e, nesta, expressa valores psicoassociativos do denominador; o autor ilustra comparando, respectivamente, “macaco” para instrumento usado em troca de pneus (determinada aparência e função) e “macaco” para uma pessoa (intenção depreciativa).

Entre outras contribuições, o lituano Algirdas Julien Greimas (1917-1992) traz à luz que o significante, ao possibilitar a aparição da significação ao nível da percepção, pode se manifestar visual, auditiva, tátil, olfativa ou gustativamente. À percepção contextualizada do signo, o russo Michail Bakhtin (1895-1975) reflete sobre a natureza ideológica do signo, afirmando não ser

“apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade. Todo fenômeno que funciona como signo ideológico tem uma encarnação material, seja como som, como massa física, como cor, como movimento do corpo ou como outra coisa qualquer. O signo embevecido de significação ideológica pode estar sujeito a critérios de avaliação do meio ideológico e, naturalmente, ser entendido conforme a necessidade contextual dos interlocutores”. (Silva, Antônio Carlos da, 2011)

Embora tenha surgido na década de 70, a Linguística Cognitiva somente foi institucionalizada em 1990, com a criação da Associação Internacional de Linguística Cognitiva, tendo o americano George Lakoff (1941- ) como um de seus expoentes. Para esse pesquisador,

A significação e a estrutura de uma categoria linguística dependem de determinadas estruturas de conhecimento sobre o domínio ou domínios da experiência a que essa categoria está associada. Trata-se de um conhecimento individualmente idealizado, isto é, de um modelo

cognitivo, e interindividualmente partilhado pelos membros de um grupo social, ou modelo cultural. É no contexto dos respectivos modelos cognitivos e culturais que, para a Linguística Cognitiva, as categorias linguísticas podem ser devidamente caracterizadas. (Lakoff *apud* Silva, Augusto Soares da, 2011)

Nas atas da conferência-nascimento da Sociolinguística (Los Angeles, 1964), o americano William Bright (1928-2006), estudioso das línguas nativas e culturas da Califórnia, lista os três principais fatores da diversidade linguística – identidade social do falante, identidade social do destinatário e contexto. (Calvet, 2002).

A linguagem usada nos discursos científicos, técnicos, institucionais e deles derivados apresenta características similares a tudo que foi dito acima acerca da linguagem geral, ou seja, a do cotidiano de qualquer cidadão. Um ramo da Linguística Aplicada ocupa-se desta subárea e denomina-se Terminologia (Em geral, a tese do alemão Wüster, 1930, é aceita como marco inicial). Com ciência de que a complexidade da comunicação, dita “especializada”, não funciona dentro de um contexto associal e neutro, mas atravessado por jogo de palavras e infiltrado pelo discurso cultural hegemônico e por “locutor coletivo”, esta ampliação das reflexões terminológicas faz uso dos conceitos e instrumentos teóricos e metodológicos da Sociolinguística configurando a Socioterminologia (Gaudin, 1993).

## **2. Identificando preferências**

Esta pesquisa trata de nomes comuns e populares de parte da flora amazônica, ou seja, de construções linguísticas e conceituais especializadas negociadas por uma determinada comunidade de locutores – denominadas *termos*.

No processo de criação de novas palavras – “unidades lexicais (formalmente novas ou que recebem um novo significado) criadas em determinado momento histórico-social, que, em função de diversas razões (necessidade de nomeação de objetos ou fatos novos,

sobretudo) determina esta criação” (Alves, 2007, p. 78) – como poderíamos apreender a “gênese da motivação criadora”, a forma como os denominadores significaram/ “negociaram” cognitiva e culturalmente a neónimia (conforme denominação dada por Rondeau, 1983) no contexto dos termos alvos desta pesquisa? Explicando em detalhes – gostaríamos de saber quais são as categorias de características prioritárias que a mente coletiva de nosso denominador aplicou aos escolher os nomes comuns e populares.

Seguindo a sugestão da pesquisadora brasileira Ieda Maria Alves (2007), de acréscimo do nível textual de análise linguística aos níveis tradicionalmente conhecidos (fonológico, morfossintático e semântico), propusemo-nos fazê-lo relacionando os sintagmas adjetivos ao texto e contexto do denominador não botânico. Sabemos que a Etnobotânica é preocupada em resgatar o conhecimento botânico empírico das várias etnias, dispô-lo a serviço do conhecimento científico e revertê-lo a bem da comunidade. Aqui também se aplica a Etnoterminologia, formalmente apresentada por Barbosa (2007) como “inclusa” na Terminologia Aplicada; assim, em lugar de analisar o discurso etnoliterário, estamos examinando o discurso etnobotânico.

Também a Terminologia Sociocognitiva, proposta por Temmerman (2000, cap.2) é bastante adequada neste momento. Na consideração de linguagem e mente, aceita-se que a compreensão da linguagem não pode ser separada da compreensão do mundo, tendo em vista três princípios: i. que a linguagem procede/desempenha uma parte na compreensão do mundo; ii. que o mundo está (parcialmente) na mente humana; iii que a compreensão da linguagem não pode ser separada da compreensão do mundo (Temmerman, op. cit., p. 62)

Nesta análise, o termo (nome comum ou popular da árvore) é visto com um constituinte que tem uma “personalidade sintática” (expressão de Perini, 2006, p. 47) chamada sintagma nominal (SN) e interpretação semântica coerente por ter a propriedade de se referir a uma coisa – dito *referencial*. Deixamos de lado o fato apontado pelas gramáticas de que sintagma nominal ocupa função sintática de sujeito, objeto direto ou complemento de preposição (coesão formal) e apegamo-nos somente à sua coesão semântica.



A unidade gramatical que se postou às lentes da observação sintático-semântica foi o sintagma adjetivo. Segundo Castilho (2010, p. 55),

“o termo *sintagma* provém da terminologia militar grega, em que designava um esquadrão, ou seja, um número fixo de soldados, distribuídos de forma também regular, aos quais eram atribuídas funções próprias. Os linguistas se apropriaram deste termo, que parecia talhado para indicar o modo como o substantivo, o verbo, o adjetivo, o advérbio e a preposição costumam agregar outras classes de palavras”.

Observados todos os nomes comuns/populares, foram separados apenas aqueles em cujo SN consta um sintagma adjetivo (SAdj.), ou seja, com as propriedades de adjetivo - “semanticamente é restritivo, e sintaticamente é modificador de um SN” (sintagma nominal) e, na ordem sintagmática, “o elemento mais restritivo precisa vir sempre depois do menos restritivo”, fato ilustrado por Perini (op. cit., p. 96 e 78) com *médico geriatra* e *\*geriatra médico*. Para a classificação, no caso de o SN ter mais de um SAdj., consideramos sempre o último SAdj, compactuando com Perini (op. cit., 80) de que “elementos com maior carga de informação tendem a ser colocados mais para o final da sentença”. Exemplificando:

1. para a árvore de nome comum ANGELIM-SAIA, temos faveira-branca, faveira-vermelha, fava-de-bolota, pau-de-arara e fava-arara-tucupi. Considerando

1a. [(faveira)<sub>sn</sub> (branca)<sub>sadj</sub>]<sub>sn</sub>

1b. [(fava)<sub>sn</sub> (de bolota)<sub>sadj</sub>]<sub>sn</sub>

1c. {[(fava)<sub>sn</sub> (arara)<sub>sadj</sub>]<sub>sn</sub> (tucupi)<sub>sadj</sub>}<sub>sn</sub>

em **1a**, temos *branca* adjetivando *fava* pela característica *cor*; em **1b**, *de bolota* adjetivando *fava* pela forma; em **1c**, *arara* adjetivando *fava*, na sequência juntas formam um SN que é adjetivado por *tucupi*, que apresenta dois significados dicionarizados – pela origem tupi *tukupirá*, significa “desti-

lado” e, no norte, é “molho feito de mandioca fresca e aquecido, até tomar consistência e cor de mel. Sob qualquer das duas acepções, *tucupi* modifica *fava-arara*;

2. para a árvore BREU, alguns dos nomes populares são amescla-cheirosa e breu-branco-verdadeiro. Considerando

2a. [(amescla)<sub>sn</sub> (cheirosa)<sub>sadj</sub>]<sub>sn</sub>

2b. {[[(breu)<sub>sn</sub> (branco)<sub>sadj</sub>]<sub>sn</sub> (verdadeiro)<sub>sadj</sub>]<sub>sn</sub>}

Em **2a** temos *cheirosa* adjetivando *fava*; em **2b**, *branco* adjetivando *breu*, na sequência juntos formam um SN que é adjetivado por *verdadeiro*, o que demonstra que o interesse maior da mente coletiva não era especificar a cor, mas sim o valor *verdadeiro* – *breu-branco* é *verdadeiro* e não somente o *breu* é *verdadeiro*.

A análise das categorias presentes nos nomes populares por vezes exigiu recorrer à etimologia, já que “a etimologia é um auxiliar precioso nas pesquisas sobre lexicalização, visto que com o passar do tempo as categorias cognitivas representadas nas palavras se tornam opacas. Para recuperar o que se perdeu, o jeito será [é] inspecionar o passado dos vocábulos” (Castilho, 2010, p. 110).

Por entender que “toda reflexão sobre a língua começa pela descrição das expressões” e “ao mesmo tempo que descrevemos, vamos identificando os grandes processos linguísticos que se escondem por trás da multidão de dados” (Castilho, op.cit., p. 59), inclusive as características essenciais dos referentes consideradas pelos denominadores no ato de denominar, por muito tempo “namoramos” (a expressão parece-nos apropriada para expressar o ato de *admirar*, *olhar com ternura*) os nomes comuns e populares.

Não lidamos com categorias propostas *a priori*; foram os dados que as sugeriram para a análise. As macrocategorias foram oito (8): local, característica da planta (cheiro/sabor, cor, forma, outra), função/pertença, efeito/traço medicinal, semelhança a qualquer coisa ou outra planta, reforço/valoração, dimensão e desconhecido; com as

subdivisão da categoria *característica da planta*, temos onze (11) aspectos de variáveis para nomeação.

Tornamos a lembrar-nos de que a análise deste artigo restringiu-se somente aos quinhentos e oitenta e seis (586) nomes comuns/populares compostos, ou seja, que continham sintagma adjetivo.

Pela ordem de maior porcentagem, obtivemos:

1. Cor – 27,13% (159 nomes). Exemplos: abiurana-vermelha, guapeva-carvão, abiurana-vermelha, breu-preto, amora-branca, amoreira-amarela, pau-amarelo, espinheiro-branco, espinho-branco, moreira-branca, limão-rana-amarelo, pau-de-cores, peroba-rosa, taiúva-vermelha, amoreira-branca, amoreira-vermelha, angelim-preto, angelim-vermelho, sucupira-vermelha, angelim-vermelho, angelim-amarelo, faveira-branca, faveira-vermelha, jue-rana-branca, breu-branco, almecegueira-vermelha, breu-vermelho, mandioqueira-vermelha, guaruba-vermelha, goiaba-preta, folha-prateada, louro-prata, canela-parda, sassafrás-amarelo, sassafrás-preto, sassafrás-rajado, marupá-preto, caroba-branca, jacarandá-preto, jacarandá-branco, castanheira-rosa, quaruba-vermelha, cambará-rosa, cedro-rosa, cedro-vermelho, cedro-pardo, cedro-branco, cedro-amarelo, cedro-branco, cedro-rosado, cedro-rosa, cedro-roxo, cedro-vermelho, cedro-da-bahia, cedro-da-várzea, cedro-do-campo, cedro-amarelo, cedro-colorado, copaíba-preta, copaíba-vermelha, óleo-amarelo, óleo-pardo, óleo-vermelho, cumaru-roxo, cumaru-amarelo, Cumaru-escuro, cumaru-rosa, cupiúba-rosa, embaúba-branca, embaúba-branca, angico-branco, cabo-verde, jataí-amarelo, garapa-amarela, garapa-branca, grapiapunha-branca, grapeapunha-branca; gotaí-amarelo, jataí-amarelo, jitaí-amarelo, pau-mulato, guanambi-vermelho, guanandi-amarelo, guanandi-rosa, garibú-preto, cubatã-vermelho, itaúba-amarela, itaúba-preta, itaúba-vermelha, cedro-par-

do, itaúba-abacate, jequitibá-rosa, jequitibá-amarelo, jequitibá-vermelho, jaquitibá-rosa, jequitibá-branco, mandiocão-vermelho, mandioqueiro-branco, envirataia –vermelha, mogno-branco, mogno-cinza, mogno-claro, mogno-escuro, mogno-rosa, mogno-róseo, mogno-vermelho, paineira-branca, paineira-rosa, óleo-amarelo, óleo-branco, óleo-preto, óleo-rajado, pequi-preto, guatambu-amarelo, peroba-amarela, peroba-branca, peroba-rajada, pau-caboclo<sup>3</sup>, amora-branca, amoreira-amarela, pau-amarelo, amoreira-branca, tarumã-branco, moreira-branca, espinheiro-branco, espinho-branco, limãorana-amarelo, pau-de-cores, taiúva-vermelha, tamboril-pardo, timbaúva-branca, taimbaúva-preta, tapiá-guaçu-branco, tapiá-vermelho, tapi-vermelho, tapu-guaçu-branco, tarumã-preto, maria-preta, tachizeiro-branco, tachi-branco, tapiá-branco, bicuíba-branca, bicuíba-vermelha, bocuva-vermelha, bucuva-branca, bucuva-vermelha, ucuuba-branca, ucuuba-preta, ucuuba-vermelha, maria-preta, tapu-guaçu-branco, pata-de-vaca-branca, amora-branca, amoreira-amarela, pau-amarelo, amoreira-branca, moreira-branca, espinheiro-branco, espinho-branco, limãorana-amarelo, pau-de-cores, taiúva-vermelha e amoreira-do-campo.

2. Local – 17, 91% (105). Exemplos: moscadeira-do-brasil, tucum-do cerrado, tingui-do-cerrado, timbó-do-cerrado, azeitona-do-mato, azeitona-da-terra, tarumã-da-mata, tapiá-da-restinga, supiarana-igapó, tamboril-do-campo, pau-brasil, amoreira-nativa, amora-do-mato, amoreira-nativa, amoreira-do-campo, guapuruvu-da-amazônia, pinho-cuiabano, caqui-da-mata, peroba-de-lagoa-santa, peroba-de-minas, peroba-do-rio, peroba-paulista, peroba-de-são-

---

<sup>3</sup> No dicionário Michaelis, a primeira aceção para *caboclo* é “da cor de cobre”.

paulo, pata-de-vaca-da-mata, palmeira-dos-brejos, buriti-do-brejo, açai-da-mata, açai-do-alto-amazonas, árvore-de-paina, murici-do-campo, mogno –brasileiro, mogno-de-marabá, pequi-da-mata, mogno-do-rio-jurupari, mirindiba-da-mata, pimenta-da-mata, mandiocão-da-mata, morotó-da-mata, aroeira-do-campo, aroeira-d'água, guanandi-da-praia, guanandi-do-brejo, guanadi-rosa, guanandi-do-rio, cedro-mangue, cedro-do-pântano, grão-de-galo-da-mata, amarelinho-da-serra, manga-do-mato, peroba-de-sinop, peroba-do-norte, cumaru-do-amazonas, cumbaru-da-mata, copaibeira-de-minas, pau-óleo-do-sertão, acaju-caatinga, cedro-do-rio, cedro-do-rio-de-janeiro, cedro-do-campo, cedro-de-mato-grosso, cedro-das-missões, cedro-da-várzea, cedro-da-bahia, cedro-do-brejo, cedro-de-mato-grosso, jobot-da-terra-firme, castanheira-do-brasil, amendoeira-da-américa, sangria-d'água, castanha-do-maranhão, noz-do-Brasil, castanheira-do-pará, castanheiro-do-pará, amendoeira-da-américa, jaboti-da-terra-firme, banana-brava-da-mata, cafezinho-da-mata, caju-da-mata, cedro-do-paraguai, caroba-do-mato, jacarandá-de-minas, caqui-do-mato, sassafrás-brasileiro, sassafrás-do-paraná, sassafrás-do-brasil, vinheiro-do-mato, cambará-do-brejo, cajuí-da-mata, timbó-da-mata, angelim-da-mata, angelim-do-pará, angelim-do-campo, jacarandá-do-litoral, angelim-do-campo, copaíba-da-várzea, copaibeira-de-minas, cumbaru do-amazonas, amoreira-do-igapó, murici-do-brejo, castanha-do-pará, castanha-do-brasil, cerejeira-da-amazônia, palmeira-açaizinho-do-brejo e peroba- d'água.

3. Semelhança – 14, 33% (84). Exemplos: gema-de-ovo, abiurana-acariquara, guapeva-miri, canela-de-veado, *breu-sucuruba*, breu-sucuúba, jacarandá-lombriga, pau-lombriga, pau-angelim, angelim-coco, fava-arara-tucupi, guapeva-carvão, canela-mandioca, pau-de-leite, palmeira-

buriti, louro-cajueiro, congonha-murici, louro-seda, louro-sedinha, folha-de-prata, sassafrás-funcho, pau-funcho, canela-funcho, louro-sassafrás, louro-tapinhoã, olho-de-boi, fruta-de-boi, jacarandá-caiuá, cachimbo-de-jabutí, verga-de-jabutí. caroba-manacá, pau-de-colher, simarubacopaia, Pará-Pará, pau-tabuinha, cedro-batata, cedro-mogno, cedro-branco-batata, cedro-cetim, cumaru-ferro, ipê-cumaru, cedro-diamantina, peroba-bosta, canela-de-corvo, coxa-de-frango, pé-de-frango, pau-fava, chuva-de-ouro, gema-de-ovo, coração-de-negro, pau-cetim, guanandi-carvalho, guanandi-cedro, guanambi-carvalho, guanambi-landium, bálsamo-jacareúba, olandi-carvalho, guanandi-landim, gulanvin-carvalho, landi-carvalho, pau-ferro, ingá-cipó, ingá-macarrão, ingá-rabo-de-mico, binga-de-macaco, jequitibá-cipó, pau-mandioca, pé-de-galinha, mogno-aroqueira, paina-de-seda, paineira-de-seda, unha-de-vaca, casco-de-vaca, sangue-de-drago, sangue-de-dragão, flor-de-algodão, árvore-das-patacas vinhática-flor-de-algodão, canela-sassafrás, tarumã-romã, cambará-cinzeiro, pau-bosta, unha-d'anta, unha-de-boi, mão-de-vaca, pata-de-boi, bomba-d'água, angelim-saia e angelim-pedra.

4. Função/pertença – 10, 40% (61). Exemplos: pau-de-fogo, angelim-de-morcego, pau-de-morcego, pau-de-arara, fruta-do-conde, baginha-de-são-joão fruta-de-tucano, pau-de-tucano, bico-de-papagaio, flor-de-tucano, rabo-de-tucano, pau-de-vinho, marmelada-de-cavalo, marmelo-de-cachorro, louro-tamanco, árvore-da-preguiça, pau-de-formiga, pau-de-preguiça, farinha-seca-de-mico, mata-pasto, guanandi-poca, pau-de-maria, pau-de-santa-maria, grão-de-galo, quebra-machado, ingá-de-macaco, pau-de-cachimbo, pilão-de-bugio, pito-de-bugio, pau-caixão, pito-de-macaco, pau-pombo, pau-de-jangada, pau-caxeta, enviraia-sarassará, pau-d'óleo, óleo-copaíba, óleo-de-

copaíba, sangue-da-água, pau-de-fogo, pau-de-tamanco, orelha-de-macaco, orelha-de-negro, jacarandá-caiuá, orelha-de-moça, orelha-de-preto, orelha-de-onça, pau-sabão, pau-de-bolo, folha-de-bolo, baga-de-tucano, pau-de-gaiola, pau-de-tamanco, pau-viola, pau-de-tucano, pau-viola, pau-de-pomba, canela-de-veado, sombra-de-touro, assa-peixe, carvão-de-ferreiro, pata-de-vaca e candeia-de-caboclo.

5. Outra característica – 9,55% (56). Exemplos: abiurana-seca, pimentão-bravo, marmelada-brava, amora-de-espinho, mora-de-espinho, amoreira-brava, amoreira-de-espinho, amoreira-de-árvore, tatajuba-de-espinho, tajuba-de-espinho, espinheiro-bravo, angelim-macho, faveira-dura, faveira-ferro, bananeira-brava, tamba-em-pé, amescla-de-resina-bravo, mangueira-brava, breu-almé-gea, mandioqueira-áspera, mandioqueira-lisa, mandio-queira-escamosa, castanha-mansa, cedro-manso, mangue-seco, pau-de-azeite, uá-iandi, cedro-bordado, ingá-de-metro, cedro-fêmea, cedro-fofo, farinha-seca, fedegoso-bravo, guanambi-de-leite, sete-cascas louro-itaúba, jequi-tibá-mestiço, rameira-brava, mandioqueiro-bravo, mogno-peludo, mororó-de-espinho, pata-de-vaca-com-espinho, unha-de-vaca-de-espinho, árvore-de-lã, paineira-de-espinho, árvore-de-paina, paineira-fêmea, coqueiro-buriti, amora-de-espinho, mora-de-espinho, amoreira-brava, amoreira-de-espinho, amoreira-de-árvore, espinhe-iro-bravo, tajuba-de-espinho, ará-de-espinho, azeitona-brava, cinamomo-bravo e bicuíba-macho.
6. Desconhecidos – 6, 48 (38). Exemplos: andiroba-saruba, andiroba-aruba, canela- batatalha, louro-bobó, frango-assado, ibira-peré (para os aborígenes), guanandi-lom-briga, guanandi-piolho, gonçalo-alves, pau-gonçalves, itaúba-penimá, itaúba-peuma, pau-estopa, pau-carga, corda-de-viola, louro-sambaquim, pau-de-são-josé, reme-la-de-velho, capa-bode-grande, peroba-osso, peroba-poca,

peroba-iquira, caixeta-branca, canela-raposa, pau-viola, sangue-de-drago, chico-rupa, chipa-rupa, folha-de-bolo, lava-pratos, pau-de-tanho, maria-polim, sete-cascas, tira-teima, tingui-capeta, tingui-de-cola, tingui-de-coa e ariquena-queimosa.

7. Dimensão – 5,63 (33). Exemplos: guapeva-mirim, faveira-do-grande, breu-branco-verdadeiro, caju-açu, cumaru-da-folha-grande, vassoura-gigante, itaúba-grande, jequitibá-açu, açai-mirim, caradá-guaçu, carandá-guaçu, peroba-açu, peroba-mirim, peroba-miúda, paricá-grande, tapiá-guaçu-branco, tapiá-açu, tapiá-mirim, timbó-açu, tingui-açu, tapiá-açu bicuíba-açu, bicuíba-mirim, bicuíba-vermelha-da-miúda, tapi-mirim, angelim-da-folha-grande, icuíba-de-folha-miúda, fava-de-bolota, bananeira-de-leque, almecega-cascuda, breu-cascudo, barriga-d'água e bicuíba-redonda.
8. Cheiro/sabor - 3,58 % (21). Exemplos: angelim-amar-go, faveira-amargosa, almecegueira-de-cheiro, amescla-de-cheiro, amescla-cheirosa, pau-doce, congonha-de-flor-amargosa, canela-cheirosa, casca-cheirosa, louro-cheiroso, cedro-cheiroso, cedro-amargo, cedro-aromático, acajá-catinga, imburana-de-cheiro, peroba-fedida, pau-sândalo, ingá-doce, peroba-amargosa, angelim amargoso e casca-doce.
9. Reforço/valoração – 2, 73% (16). Exemplos: angelim-verdadeiro, angelim- pedra- verdadeiro, vinheiro-falso, guaruba-verdadeira, angelim-falso, casca-preciosa, marupá-falso, castanha-verdadeira, cedro-verdadeiro, cumaru-verdadeiro, itaúba-verdadeira, jequitibá-rei, marupaúba-falso, peroba-comum, peroba-verdadeira e bicuíba-verdadeira.



10. Efeito / traço medicinal/produto – 1,19% (7). Exemplos: pau-santo, óleo-copaíba, óleo-de-copaíba, pau-óleo-de-copaíba, pau-d’oia, pau-óleo e árvore-de-sebo.
11. Forma/textura – 1,02% (6). Exemplos: abiorana-peluda, paineira-barriguda, abiurana-da-casca-fina, abiorana-peluda, amoreira-lisa e faveira-bolacha.

Resumindo, temos:

Cor – 27, 13% (159 nomes).

Local – 17, 91% (105).

Semelhança – 14, 33% (84).

Função/pertença – 10, 40% (61).

Outra característica – 9,55% (56).

Desconhecidos – 6, 48 (38).

Dimensão – 5,63 (33).

Cheiro/sabor - 3,58 % (21).

Reforço/valorização – 2, 73% (16).

Efeito / traço medicinal/produto – 1,19% (7).

Forma/textura – 1,02% (6).

O que mais chama à atenção o denominador na zona rural é a *cor* – preto, branco, amarelo e vermelho são as mais chamativas; há algumas “mais nobres” para a região – *prata, prateada*; em outras situações, a cor demonstra certo racismo que, inclusive, está marcado no dicionário – *pau-caboclo*.

Em segundo lugar, a nomeação é especificada pelo local – *do mato/da mata* é uma das mais frequentes. Percebe-se uma vivência em outro local – ao dizer caqui-do-mato demonstra conhecer *caqui* que não é do mato ou até mesmo saber que tal planta é nativa de determinado Estado brasileiro – *cuiabano, do Amazonas, do Pará, do Alto Amazonas, do Rio de Janeiro, do Mato Grosso*.

Quanto à semelhança, há uma comparação implícita, memória de outras tantas imagens – de outras plantas (mandioca, angelim, coco, funcho, romã), a animais/vermes (veado, jabuti, mico, anta, boi,

macaco, vaca, frango, lombriga) e seus produtos (leite), minerais (ferro) e algumas outras. O sentido metafórico é evidente - *angelim-saia*, por exemplo, tem uma copa que “desenha” bem seu nome. *Canela-sassafrás*, também denominada *louro*, é lembrada como sassafrás, gênero de árvore aromática.

Dentre os 61 nomes de função/pertença, temos jacarandá-caiúá, em que ‘caiúá’ diz respeito a determinada tribo indígena e, portanto, presume-se que a motivação inicial tenha sido a existência da espécie como pertencente à tribo por localizar-se em suas terras. Que o denominador é observador e vivencia o contexto da flora fica nítido nas denominações desta categoria – ele observa que *pau-de-fogo* cumpre bem a função de lenha para fogo, que os morcegos têm preferência por *angelim-de-morcego*, *pau-de-morcego*, assim como as araras por *pau-de-arara*, enfim, o mesmo acontece em relação à *fruta-de-tucano*, *bico-de-papagaio*, *pau-de-preguiça* – observação também registrada por Silva Júnior (2009, p. 195) ao dizer que “a goma, os frutos e sementes alimentam a fauna” em relação a *pau-de-tucano*, *flor-de-tucano*. Por outro lado, o denominador também está certo de que *tapiá*, também chamada *pau-de-tamanco* é “Leve (densidade 0.49 g/cm<sup>3</sup>), macia, mole, sem cheiro, de baixa resistência mecânica, fácil de trabalhar”, conforme diz o botânico Lorenzi (2002, p. 114) e, portanto, adequada para fazer tamancos; o mesmo conhecimento tem sobre jequitibá-branco – *pau-caixão*: “a madeira é indicada para estrutura de móveis, peças torneadas, molduras, compensados, saltos de sapatos, cabos de ferramentas, contraplacados, caixotaria” (Lorenzi, op. cit., p. 620).

As outras características são variadas, contudo há predominância de *espinho* e personificação da planta – *bravo/brava/manso/mansa*.

Na categoria “desconhecidos”, agrupamos os nomes cuja motivação não conseguimos resgatar seja pela bibliografia seja pelos informantes.

Pela “dimensão” e “reforço/valorização”, percebemos que o nomeador conhece muitas plantas e é capaz, inclusive de dizer que tal

espécie é maior ou menor, é verdadeira ou falsa. Parece haver um diálogo implícito, um dito anterior ao qual ele contradiz.

Em “cheiro/sabor”, o que mais é alvo de observação é o fato de ser *amargo/amargoso/ doce /cheiroso/ /fedida*, com predominância da gustação sobre o olfato. Tanto para o não botânico quanto para o botânico, a *peroba-rosa – peroba-amargosa* – tem “gosto ligeiramente amargo” e “ a casca, amarga e adstringente, é usada na medicina popular em chás para combater a febre” (Carvalho, 1994).

A pouca frequência em efeito / traço medicinal/produto e forma/textura evidencia, se não o desconhecimento do poder medicinal e a pouca atenção à forma (inclusive por que, em relação a grandes árvores, em um ambiente florestal, é difícil observar a forma), o fato de a pouca divulgação das qualidades curativas dificultar o nome a ser coletivamente acordado .

## Conclusão

Falando sobre o ato de dizer, ao longo do tempo, Calvet (2011, p. 58) comenta que, no período medieval, os viajantes relatavam as distâncias em *dias* de percurso, o que hoje faríamos em quilômetros, apreciando por medidas diversas – *dirigi por tantas horas* ou *fiz tantos quilômetros* - uma pelo corpo e outra pelo mapa. E qual é a “medida preferencial” de nomear do homem não botânico? Está na medida do visual, do colorido diversificado; em seguida do local, do mapa político. Baseia-se na experiência física (visão/imagem) e na sociocultura (local – mata, campo, estado etc.). Contudo, por vezes, vemos coincidir a visão empírica deste homem com a cientista!

Concordamos com Lakoff (1987, *apud* Imaculada, 2009, p. 32) quando diz que

O significado é sempre determinado por organismos que possuem corpos de um determinado tipo, experienciam o ambiente de uma determinada maneira, entendem suas experiências segundo seus propósitos

e valores e constroem um significado público compartilhado através de interações lingüísticas. A natureza do organismo pensante e a forma como ele funciona no ambiente sociocultural são, portanto, de fundamental importância para o estudo da razão e das formas de produção de sentido. Assim, o significado é o resultado de um processo de natureza cognitiva e social.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Ieda M. Neologia e níveis de análise linguística. In ISQUERDO, Aparecida Negri e ALVES, Ieda Maria. In *As Ciências do Léxico*, vol. III. Campo Grande: UFMS/ São Paulo: Humanitas, 2007.

BARBOSA, M.A. Etno-terminologia e terminologia aplicada: objeto de estudo, campo de atuação. In *As Ciências do Léxico*, vol. III. Campo Grande: UFMS/ São Paulo: Humanitas, 2007.

CALVET, Louis-Jean. *Tradição oral & tradição escrita*. Tradução Waldemar Ferreira Netto e Maressa de Freitas Vieira. São Paulo: Parábola, 2011.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística – Uma introdução crítica*. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho. *Espécies Florestais Brasileiras: recomendações silviculturas, potencialidades e uso da madeira*. Brasília, DF: EMBRAPA, 1994, 640p. Disponível no site da EMBRAPA <<http://www.cnpf.embrapa.br/pesquisa/efb/index-especies.htm>>. Acesso em ago. 2010.

CASTILHO, Ataliba T. de. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.

- CORREA, Pio. *Dicionário de plantas úteis do Brasil*. Ministério da Agricultura: Imprensa Nacional, 1931/1984.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico: Nova fronteira da Língua Portuguesa*. 2. ed. rev. e acrescida de um suplemento. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.
- DECRETO Nº 7.378, DE 1º DE DEZEMBRO DE 2010, que aprova o Macrozoneamento Ecológico-Econômico da Amazônia Legal – MacroZEE da Amazônia Legal, altera o Decreto nº 4.297, de 10 de julho de 2002, e dá outras providências.
- FILGUEIRAS, Tarcisio S. *Botânica para quem gosta de plantas*. 2ª. ed.rev e ampliada. São Paulo: LivroPronto, 2008.
- GAUDIN, François. *Socioterminologie – Des problemes semantiques aux pratiques institutionnelles*. Rouen: Université de Rouen nº182, 1993.
- GUIRAUD, Pierre. *A Semântica*. Trad. De Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972.
- HECKLER SJ, Evaldo; BACK Sebald e MASSING, Egon Ricardo. *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa*. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), 1984.
- IMACULADA, Ofélia Maria. *Modelos Cognitivos Idealizados e Representações Sociais: a organização de uma experiência política na revista Manchete e no jornal O Pasquim*. Dissertação de Mestrado em Letras, Programa de Mestrado em Letras da Universidade Federal de São João del-Rei, dez. 2009. Disponível em <<http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/mestletras/DISSERTACOES/modelos-cognitivos.pdf>>, acesso em 7 mar 2011.
- LORENZI, Harri. *Árvores Brasileiras*. Manual de identificação e cultivo de plantas arbóreas nativas do Brasil. 4ª. Ed. Vol. 1 Nova Odessa (SP): Plantarum 2002.
- MICHAELIS. *Moderno Dicionário da Língua Portuguesa*. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- Perini, Mário A. *Princípios de Lingüística Descritiva*. Introdução ao pensamento gramatical. São Paulo: Parábola, 2006.
- RONDEAU, G. *Introduction à la Terminologie*. Chicoutimi (Québec): Gaëtan Monrin, 1984.
- RONDEAU, Guy. *Introduction à la terminologie*. Quebec: Gaetan Morin Éditeurs, 1983.

SILVA, Antônio Carlos da. *As teorias dos Signos e as significações lingüísticas*. Disponível em <<http://www.partes.com.br/ed39/teoria-signosreflexaoed39.htm>>, acesso em 27 fev. 2011.

SILVA, Augusto Soares da. *A linguística cognitiva - uma breve introdução a um novo paradigma em linguística*. Disponível em <<http://www.facfil.ucp.pt/lingcognit.htm>>, acesso em 2 março 2011.

SILVA JÚNIOR, Manoel Cláudio da. *+ 100 Árvores do Cerrado – Matas de Galeria. Guia de Campo*. Brasília: Ed. Rede de Sementes do Cerrado, 2009.

TEMMERMAN, Rita. *Towards New Way of Termiology Description. The sociocognitive approach*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Co., 2000.

VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.